

A Literatura em Língua Asturiana*

Algumas notas de leituras

NEWTON SABBÁ GUIMARÃES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE - PARANÁ

«By exercising a certain cynical indifference towards the languages of its small ethnic groups, it has probably jeopardized their survival far more seriously than by any acts of overt hostility and persecution».

Simeon Potter (*Language in the Modern World*)

PALAVRAS INICIAIS

Quando, muitos anos atrás, tomei contacto com o que se produzia em asturiano, encontravame em o nordeste português, a recolher dados sobre o mirandês, de que resultaria, depois, o estudo *O Mirandês. Um Tesouro da Romanística*, feito por encargo da minha Universidade. Tinha ouvido e lido muitas referências à língua que se fala, ainda hoje, no Principado das Astúrias, uma das mais belas regiões de Espanha e pátria de alguns dos bons escritores daquele país. Dámaso Alonso estudara as variações fonéticas em andanças pela terra asturiana, deixa muitos estudos, curtos, quase sempre, mas que poderiam ser de grande valia para foneticistas e semanticistas interessados no dialetalismo asturiano, ainda que lamentemente com frequência o atraso dos estudos lingüísticos com respeito a esta língua, dizendo que o leonês foi mais afortunado pois teve um estudioso do porte de Me-

* Recuéyese nesti artículu'l resume de tres llectures presentaes pol so autor, el Doctor Newton SABBÁ GUIMARÃES, nel Departamentu d'Español de la Facultá de Lletres de la Universidá Estatal del Centro-Oeste de Paraná, al celebrase la «Semana de Estudios Lingüísticos e Literários Universitários» en setiembre de 2008. La llingua asturiana ufiértase como materia optativa del curriculum de Lletres d'esa Universidá. (N.E.)

néndez Pidal¹. Eu notara traços asturianos na *haqitía*, a língua dos judeus-espanhóis do Marrocos e hoje praticamente em extinção. Os romanistas brasileiros, como a maioria dos romanistas do mundo, viam o asturiano, ou *bable*, como muitos deles preferiam chamar, um mero dialeto do espanhol. Por cima de tudo, acentuava-se-lhe a agrafia, o que mais complicava a questão, já de si difícil, porquanto pouco material de estudo existia nas bibliotecas universitárias sobre a língua, ou dialeto, como estava nos manuais de Romanística. Quando muito, curiosos das línguas neolatinas, sem formação acadêmica, haviam publicado pequenos artigos com observações sobre a sua similitude com os falares leoneses e, eu próprio, depois de reiteradas pesquisas, descobrira trechos soltos, pedaços de poesias populares e exemplos nos livros de História da Língua Espanhola e nada mais. Lapesa falava do asturiano como simples dialeto do castelhano², posição com que William J. Entwistle (1973) discorda, pois vê o asturiano, que prefere denominar asturiano-leonês e considerá-los entre os dialetos hispano-romances³. Em nova viagem ao nordeste português, sempre em busca de material para o mirandês e depois para estudos sobre aspectos fonéticos do rionorês, travei conhecimento em Miranda do Douro, com um apaixonado cultor do mirandês, o Pe. Antônio Maria Mourinho, quem me disse ler com alguma fluência o asturiano, mostrando-me publicação recente na língua. Era a tradução de um famoso romance de Robert Louis Stevenson, *The Treasure Island*, que me ofereceu, generoso, «por não ter tempo para o ler». Nessa mesma noite, enquanto jantávamos, Pe. Mourinho⁴ falou, demoradamente, do que se vinha fazendo em favor das línguas e dialetos

¹ Dámaso Alonso (1972) escreve que há «...que lo mismo las hablas exteriores (abandonadas, sin norma lingüística en valles de Asturias o León), que el gallego de Galicia, como el portugués»... (p.37). Mais adiante, em nota de rodapé, escreve que «el leonés ha sido más favorecido, porque por él se interesó tempranamente M. Pidal...» (p.37).

² O asturiano não pode ser considerado com mero dialeto do castelhano, se se considera que o leonês, seu co-irmão, é um dialeto histórico, como dar um tratamento diferente ao asturiano? É, acredito, falta de coerência científica. Também Menéndez Pidal com a autoridade de seu nome, chamava de dialeto leonês a uma série de falares, entre as quais, escreve García Mouton (1996) «de este conjunto de hablas, son las asturianas, lo que se llama asturiano o habla, las que tienen mayor vitalidad».

³ Escreveu Entwistle (1973: 269): «Queda aún por mencionar el hecho de la existencia ininterrumpida de unos *antiguos dialectos hispanorromances* que ocupan la zona que va desde la frontera de Galicia hasta los dominios del catalán. Son una fuente esencial para el conocimiento del leonés y del aragonés medieval, y el arcaísmo de sus formas constituye para el español una especie de antigüedad contemporánea, en el sentido de que es posible oír y utilizar formas lingüísticas hace tiempo desaparecidas de la lengua *standards*». Grifos meus.

⁴ Deixo aqui algumas palavras de gratidão, *in memoriam*, ao sacerdote que amava enternecidamente a sua língua primeira. Sem ser um lingüista de formação, estudou o Pe. Antônio Maria Mourinho com afinco a língua «descoberta» pelo Dr. Leite de Vasconcelos, quem primeiro a descreveu e fez a primeira gramática normativa, chegando a produzir nela pequenos trabalhos e até traduziu poemas camonianos, mostrando que, bem tratada, serviria de instrumento literário tão bom quanto qualquer outra língua culta. Discípulo e seguidor de Leite de Vasconcelos, Mourinho deixou extensa obra sobre o mirandês, que vai de um livro

ameaçados de extinção nos países do sul da Europa, de que resultara a proteção da sua língua natal, a mirandesa, e de outras, entre elas a asturiana. Chegando ao hotel, peguei emocionado o pequeno e elegante volume, que, faz muitos anos já, nem sei mais por onde anda, e dispus-me a lê-lo. Com o conhecimento do mirandês, do judeu-espanhol e do espanhol, li-o quase sem dificuldades. Talvez a facilidade para a sua leitura venha do fato de ser o asturiano uma língua *Abstand*, uma variedade do grupo de línguas astur-leonês, que hoje, felizmente, têm merecido as duas variantes o cultivo, com entidades que as protegem, entusiastas que se propõem a escrever textos literários, seja em asturiano, seja em leonês, tão próximos que as diferenças parecem mínimas, como se pode ver da leitura de textos em moderno leonês que os seus falantes e cultores da língua divulgam em pequenos trechos na publicação oficial, *El Fueyu*. Graças aos esforços de lingüistas e escritores, de eruditos e tradutores, o asturiano, que faz parte de um grande diassistema hispânico oriental, deixa de ser uma língua local e apenas oral, para se transformar em língua culta e literária, mesmo sem haver atingido até hoje o seu estágio mais elevado, ou seja, ser transformado em língua administrativa e co-oficial no Principado. Contudo, vem-se consolidando, aos poucos, desde a metade do século xx, como língua *Ausbau*, ou seja, uma língua autônoma em elaboração, no complicado sistema proposto por Žarko Muljačić, sobre as línguas *Abstand* e *Ausbau*. Tornando-se literário, o asturiano tem chances de sobrevivência, ou, pelo menos, de resistir mais tempo, na situação de língua menor, de pequeníssima extensão, dessas «amenazadas por unha lingua hexemónica hetero-familiar», como ensina o já citado Muljačić no estudo sobre *A Estandarización do Galego á luz de procesos análogos noutras linguas «minorizadas» europeas*⁵. A proximidade do asturiano com o castelhano, pode significar um perigo para a sua sobrevivência, temos de convir, por uma re-hispanização de toda a região, sobretudo nas mais distantes comarcas rurais, nas aldeias mais afastadas,

de poemas, *Nossa Alma i Nossa Tierra*, em que adotou a bem elaborada grafia que lhe dera o sábio romanista (mais tarde renegou o sistema ortográfico que bem representava os fonemas da língua, em favor de uma convenção ortográfica que não responde por completo ao seu sistema fonético), até livros de investigações arqueológicas, antropológicas e etnológicas. O padre era um daqueles curiosos do passado, que perambulavam por diversos ramos do saber, algumas vezes até com bastante desembaraço. Mais tarde, em 1991, reuniu grande cópia de artigos de jornal sobre generalidades mirandeses e publicou o seu volumoso *Terra de Miranda. Coisas e factos da nossa vida e da nossa alma popular*, rico repositório da vida das gentes daquela parte do país, por vezes de difícil consulta por lhe faltar, infelizmente, a adoção de uma metodologia científica. O autor, autodidata no campo da lingüística e da etnologia, apresenta uma postura impressionista de muitos fatos dessas ciências, o que faz com que percam um tanto a credibilidade que, de outro modo, poderiam ter. O padre era um grande sabedor e, repito, um apaixonado pelas coisas de sua terra. Fica pois nestas linhas o meu registro de admiração e respeito pelo investigador infatigável que foi o Pe. António Maria Mourinho. Aliás, como escrevi acima, foi ele quem me ofereceu uma tradução de *The Treasure Island* em tradução asturiana, o primeiro livro que jamais li nessa língua, que o padre chamava sempre de *bable*.

⁵ In Monteagudo (1995: 19).

a exemplo do que aconteceu com o hakitia, ou judeu-espanhol marroquino, quando os seus falantes passaram a viver em países de fala espanhola ou quando se propuseram a estudar o espanhol estándar. Por outro lado, porém, a grande e decidida vontade dos regionalistas asturfalantes, é quase uma confirmação de que é possível a sua sobrevivência, sim, vencer os perigos que ameaçam a língua. Como língua *Ausbau*, o asturiano é uma evolução do leonês que chega até nós como pujante língua de cultura e com uma literatura que, aos poucos, amadurece, abandona os seus aspectos inteiramente regionalistas e folclóricos para tornar-se uma grande língua literária, com os seus próprios delineamentos estéticos. Defender o regional sem pecar pelo erro de manter-se regional e acanhada, como se somente se destinasse aos seus falantes. Aliás é este um defeito de muitos grandes povos imperiais do passado, como o alemão, o francês, o espanhol: o local, como alfa e ômega de certas literaturas regionais: o medo de voar. Tenho encontrado em obras em limburguês, nos diversos *Plattdeutsch*⁶, nas línguas do sul de França, uma irritante tendência a se manterem fechadas em um localismo vesgo, falha de que parecem ter escapado os escoceses com a sua literatura em *Scots*, que voa alto, partindo para traduções de grandes nomes das letras universais inclusive Shakespeare, e deles recolhendo uma lição de existência. Se os defensores de uma língua de pequena extensão e em risco de desaparecimento, querem realmente dar-lhe a dignidade que se espera de uma língua que não conta com o apoio de oficialidade e apoio administrativo, têm que a cultivar de forma a mostrar que ela não está circunscrita aos limites e pequenos cercados de suas aldeias e vilas... Dou como o exemplo oposto o caso do *djudyospanyol* ou o do iídiche, aquela dos judeus sefarditas⁷ e esta dos asquenazitas, que tomaram dimensões universais e não

⁶ Assim chamados um bom número de falares que parece decrescer de ano para ano pela pressão cultural muito forte do alemão oficial e universal, que alguns lingüistas preferem chamar de «baixo alemão» ou «Niederdeutsch», de que ainda existem espécimens valiosíssimos no Sul da República Federativa do Brasil, com o Hunsrik, falado em pequenas localidades de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sem qualquer cultivo literário e muito aguados de palavras e expressões da língua oficial. Faz quase meio século, o lingüista Heinz F. Wendt estimava em aproximadamente 12 milhões (um número fabuloso, maior do que o dos falantes de quéchua na América do Sul, ou do quiche na América Central) e escrevia que «*Plattdeutsch* oder *Niederdeutsch* etwa etwa 12 Mill., im Deutschen enthalten, gilt heute als Mundart, in der jedoch eine erwähnenswerte - *meist landschaftsgebundene - Literatur vorliegt*» in *Germanische Sprachen, in Sprachen*. (Verfibt und herausgegeben von Dr. Heinz F. WENDT. Francforte-sobre-o-Meno, Fischer Bücherei, 1961). Grifos meus.

⁷ Os sefarditas, de ספרדים, assim chamados os judeus expulsos da Península Ibérica, que carregaram consigo a língua espanhola do século XV, conservando-a no seio da família, carinhosamente (os sefarditas sempre amaram entranhadamente a Espanha Imperial e Eterna e foi muito bom ouvir de Sua Majestade el-Rei Dom Juan Carlos I, gloriosamente reinando, o Seu pedido de perdão em nome do reino e do povo espanhol aquando de sua visita de Estado a Israel). Com o perpassar do tempo e do choque com outras línguas do vasto Império Otomano por onde se espalharam os judeus, foi-se modificando, dando em duas variantes bem distintas, o *djudyospanyol* do Oriente (Turquia, Salônicas, Macedônia, etc), erroneamente chamado de ladino, que é uma forma calca do espanhol do XIV usada pelos judeus de Espanha para as

esqueçamos que Isaac Bashevis Singer, teimosa e orgulhosamente apegado ao seu iídiche oriental polonês, chegou ao ambicionado Prêmio Nobel de Literatura.

Foi assim que tomei conhecimento com um texto novo do asturiano vivo, como usado ainda por pequena parte da população do Principado.

E que ali os seus falantes, orgulhosamente, como os galegos, os catalães e os bascos, tentavam cultivar. Entre os asturianos era escasso antes o seu cultivo, esclarece Alberto Risco, S. I, na sua ambiciosa *Historia de la Literatura Española y Universal*, quando cita uns poucos autores como havendo escrito poemas em asturiano, que ele insiste em chamar de «dialecto *bable* (sic), hablado por el pueblo asturiano, conservado siempre en obscuridad y aislamiento»⁸ lembrando ainda que por seu «escaso cultivo literario no ha podido llegar al refinamiento y flexibilidad de las lenguas adultas»⁹. Diz coisas que soam estranhas para um especialista, um delas é insistir na designação de dialeto, o que hoje tem outra classificação, mas lembra algo que a Sociolingüística ainda insiste: que a falta de cultivo literário deixa uma língua, qualquer língua, em relativo atraso e facilitando até a sua extinção ante a pressão de línguas oficiais, literárias e de maior prestígio ou de maior extensão geográfica. Verdade indiscutível. Não esquece de citar, de maneira honrosa, o nome de Jovellanos com um dos que procuraram estudar as origens do asturiano e que, por isso mesmo, teve lá os seus seguidores, ou seja, dele vem o movimento que desembocaria, muitos e muitos anos mais tarde, na atual agitação cultural que vemos no Principado. «No se puede hablar propiamente de un renacimiento de la literatura bable»¹⁰, insiste esse estudioso, mas comenta os esforços de D. José Caveda, D. Teodoro Cuesta (1829-1895), poeta eminentemente popular, quase parolo, chega ele a escrever, e D. Juan M. Acebal (1815-1895), este de maior refinamento cultural que, mesmo quando escrevia para o povo, em «Cantar y más cantar» e em «La Fonte de Fascura», mantém um agradável sabor bucólico, que lembraria os grandes autores do gênero. Abrindo um parêntese aqui, bom seria que se não fizessem tantas críticas à obra dita popular de D. Teodoro. Quando queria era capaz das mais extremadas e re-

suas traduções dos textos santos (de onde a famosa *Bíblia* de Ferrara) e do *Talmud*; e *djudyospanyol* magrebino ou ocidental, também amplamente conhecido como *hakitia*, ou judeu-espanhol marroquino, falado no Reino do Marrocos, e um pouco menos na Tunísia, Argélia, etc., hoje praticamente em extinção. O Autor do presente artigo é falante do *hakitia*, ou judeu-espanhol marroquino. Os askenazitas ou, אשכנזים, são os judeus alemães, que falavam o iídiche nele desenvolvendo uma riquíssima literatura, que já deu um Prêmio Nobel! A Sra. Ángela Merkel, *Bundeskanzlerin* alemã, imitando Sua Majestade o Rei espanhol, também pediu perdão para as atrocidades hitlerianas, mas, para isto haverá perdão?

⁸ Risco (1942: 171).

⁹ *Ibidem*: 171.

¹⁰ *Ibidem*: 171.

quintadas produções e não esqueçamos também que foi ele o primeiro tradutor de «Zara»¹¹, de Antero de Quental, considerado um dos mais bonitos poemas da Literatura Portuguesa do século XIX. A sua tradução é bela e tocante, que, em defesa do tradutor, aqui copio:

*Dichósu'l que s'esnidia gayaspéru
sin saborgar la cuita amargurósa
naquisti mundu, como fái la rosa,
y séle cual la sombra so'l regueru.*

*To vida yera un sueñu: endefenidu
y amorósu, mas suave y traspariente.
Volviéste'n tí ... sonrístete ... y dolcemente
Entamáste col suñu interrumpidu.*

Pilar García Mouton¹², faz referência aos primeiros estudos de asturiano ainda no século XVIII.

Depois disto lancei-me em busca de tudo aquilo que pudesse dar-me uma visão mais ampla, moderna e académica dos estudos asturianos nos dias presentes. E surpreendi-me com o número de publicações, originais e traduzidas, e cheguei a ler muita coisa na língua, adquirindo, aos poucos, uma seleta coleção de livros de Literatura e Lingüística. Quase diria que pude acompanhar, nestes anos todos, o desenvolvimento de uma língua que vem sendo bem cuidada e usada como instrumento literário, ao mesmo tempo em que pude acompanhar o desenrolar de uma literatura que cresce de ano para ano, com muitas publicações originais, nem todas elas de primeira água, é bom que se ressalve, e um número expressivo de obras traduzidas. Contudo um corpo de intelectuais que se alinha às diretrizes da Academia da Língua Asturiana, gente jovem e de boa formação universitária, vem realizando bom trabalho, quiçá muito acima do que os defensores do arago-nês lograram fazer malgrado os esforços dos membros e seguidores de *O Consello d'a Fabla Aragonesa*, possivelmente, acredito, por ter havido mais união entre aqueles, mais coerência nos propósitos lingüísticos e literários e um melhor aproveitamento dos ensinamentos da moderna Lingüística na elaboração de dicionários, gramáticas e sistemas ortográficos oficiais, enquanto para os segundos, parece ter havido sérias discrepâncias entre membros de diverso cariz e falta de união em torno de um mesmo propósito, a salvação e restauração da velha língua

¹¹ Cfr. Antero de Quental (1943). A tradução asturiana é a sétima do livro e vem às págs. 20. Respeitei a grafia do autor.

¹² Escreve García Mouton (1996: 10): «Los primeros estudios sobre el bable datan del siglo XVIII con Jovellanos y, ya en este siglo, Menéndez Pidal y los componenes de la Escuela de Filología Española han trabajado con especial interés sobre él».

que, para piorar a situação, está quase que pulverizada em falares e dialetos. O romanista G. Stépanov (1981), que alargou o número de línguas na sua classificação, incluiu o galego, mas não o asturiano como língua neolatina autônoma. E segundo o seu ensinamento o asturiano, como língua local, seria inviável para ser usada como instrumento de uma literatura pois escreveu que «les idiomes locaux étaient déficients au plan fonctionnel, qu'on en dut recourir à d'autres langues étrangères, en tant que langue écrite littéraire» (Stépanov 1981: 81). A grande quantidade de livros literários nesta língua local de Espanha, contraria o pensamento de Stépanov. E ainda bem. O asturiano nasceu (ou seria melhor dizer: renasceu?) afortunado por haver encontrado uma plêiade de intelectuais com boa formação acadêmica que, em boa hora, se mostra disposta a defender a nova idéia de recriação desta língua local, e aderiu ao chamamento dos entusiastas da língua. Todos juntos estavam decididos a aproveitá-la como instrumento de cultura da região asturiana e de uma nova literatura que surgia. Espero que não desanimem nem se metam em estúpidas quizílias literárias de provincianismos ridículos, como tem acontecido, infelizmente, com outras línguas minoritárias, envolvendo-se em inúteis disputas políticas e ideológicas, que só fazem atrasar, além de trazerem o descrédito. Lingüística e Literatura deveriam manter-se distantes das questiúnculas ideológicas. Cultivar o mais que se possa uma língua de pequeníssima extensão, como a asturiana, é o melhor que se pode fazer pela sua vida. Faz já alguns anos, o lingüista afrikaner, J. C. Steyn, em comovedora defesa da sua língua natal, o africanense, instrumento de uma grande cultura e uma grande civilização em África, talvez a mais pujante e genuína, temia pelo seu futuro, ameaçado pelo uso cada vez maior do inglês pelas várias etnias negras, minorias despreparadas e atrasadas, mas agressivas, que pareciam fazer *tabula rasa* do fato de a África do Sul ser fruto do trabalho, da tenacidade e da cultura *boer*¹³. Fazia, então, na sua obra hoje clássica sobre as línguas minoritárias, *Tuiste in Eie Taal. Die Behoud en Bestaan van Afrikaans* (1980), algumas sugestões sobre com procederem os falantes de pequena língua em perigo de extinção, mas a principal se resumia em a cultivar literariamente. Dava o exemplo do hebraico, que jamais deixou de ser cultivado. Lembrava que uma florescente vida cultural é algo de grande importância para uma língua, o que, temos de convir, é um truísmo que

¹³ Palavra que, em africãs, quer dizer camponês mas também fazendeiro, o *farmer* britânico. A mesma origem do alemão *Bauer*, sendo que nesta língua a palavra tem a conotação de rústico, o labrego do português continental e do galego, o caipira do português-brasileiro. O *boer* era sobretudo um *voortrekker*, um pioneiro, um lavrador e fazendeiro solidamente instalado em fazendas no Transvaal e outras regiões e o verdadeiro criador do país. O Presidente Martinus Theunis Steyn, do Oranje Vrystaat, um dos pais do forte e saudável Afrikanernasionalisme, do nacionalismo africâner, sentia orgulho em declarar-se um *boer*. E *boere* toda a sua gente...

terá sempre o seu significado¹⁴. Fica, porém, uma sua advertência que na aparência soa como obviedade, mas que encerra grande verdade: a de que uma língua mesmo que de pequena extensão em termos de geografia e de falantes, mas que possua expressivo desenvolvimento cultural, pode extinguir-se muito mais lentamente do que uma língua de pobre cultura, ou de escasso cultivo¹⁵.

E é esta a língua que serve de instrumento para uma vigorosa literatura que, em um futuro próximo, terá lugar de destaque entre as literaturas de línguas românicas de pequena extensão, como a aranesa, a algueresa, a piemontesa, a aragonesa, a franco-provençal tão fragmentada, e outras. Um dos pontos altos dos novéis escritores asturianos, foi a criação de uma *koiné*, ao adotar um sistema de ortografia para os vários falares do Principado, pois, não há, com efeito, um só falar, mas nada menos do que três grupos diferentes, conhecidos antes como bables orientais que chegariam até à Cantábria; os bables ocidentais que são as mais vivas e dinâmicas, e os bables centrais que, por estarem mais perto dos grandes centros urbanos, são justamente os mais frágeis e que se podem castelhanizar. No entanto foi o escolhido para a criação de uma língua asturiana, sob égide do Estatuto do Principado, que estabelece a necessidade de cuidar de todo o patrimônio cultural da região. Pilar García Mouton (1996: 20) critica esta tentativa de «hacer una lengua artificial, que unificase la expresión de los distintos bables». Terá el razón?

ALGUNS LIVROS E AUTORES EM ASTURIANO

Chamei anteriormente a atenção do romanista pátrio para a quantidade de boas traduções que existem, hoje, em asturiano. Método inteligente de bem utilizar, de forma literária, uma língua que se quer resgatar do isolacionismo em que se encontrava e da possível ameaça de extinção. A tradução, ninguém o duvida, é um dos melhores meios de enriquecimento de uma língua e de uma literatura. Vejo-a como uma ponte cuja utilidade é inestimável. Procederam desta maneira, no passado, os judeus descendentes de espanhóis, os da Salônica, antes de esta comunidade ser trucidada pelos alemães durante o regime de terror do nazismo. A literatura em judeu-espanhol (bastante diferente do judeu-espanhol do Marrocos), foi inicialmente constituída de traduções de simples obras de autores pouco

¹⁴ Eis o que escreve, mas duvidando que o grande desenvolvimento cultural de uma língua possa significar expansão para outros lugares diferentes do seu próprio, tese perigosa em alguns casos conhecidos e confirmativo em outros: «'n Bloeiende kultuurlewe is vir elke taal 'n groot aantrekkingskrag» (Steyn 1980: 45).

¹⁵ Escreveu com bastante acuidade: «'n taal met 'n waardevolle oorspronklike kultuur sterwe veel lang-samer as 'n kultuurarm taal. Die letterkunde kan 'n diep, laaste loopgraaf wees. Maat teen fisieke geweld kan geen onderwys, letterkunde of godsdiens standhou nie. Die kultuurlewe is noodsaaklik vir 'n taal om te groei of onder ongunstige omstandighede te bly bestaan, maar 'n voldoende voorwaarde vir oorlewing is dit nie» (Steyn 1980: 45).

conhecidos de Espanha e França, chegando às grandes obras universais como *Werther*, *Les Misérables*, *Paul et Virginie* de Bernardin de Saint-Pierre, *Le Comte de Monte Cristo*, *Manon Lescaut* do Abade Prévost, a *Graziella* de Lamartine, até o torrencial *Les Mystères de Paris*. Passa-se, depois, a uma rica literatura original que vai dos livros de teologia e exegese bíblica aos estudos de filosofia, história do povo judeu, além de contos, novelas, romances, peças de teatro, crônicas, poesia¹⁶. Simples observação, sem qualquer outra implicação entre duas literaturas de línguas românicas, mas tão diferentes entre si, nem qualquer intenção de comparar a situação dos sefarditas, vivendo em um mundo hostil e tendo que lutar contra as tendências à assimilação cultural, e a dos falantes do asturiano, espanhóis como os das demais regiões, províncias e comunidades autônomas, que falam uma outra língua além da universal e de mais prestígio cultural — a não ser as consabidas e errôneas que por vezes resultam em constrangedora *diglossia* διγλωσσία¹⁷. A sociolingüística estuda amiúde sociedades bilíngües em que apenas uma das duas é oficial enquanto a outra vive relegada ao uso doméstico —, mas que podem utilizar e cultivar à vontade a sua língua nativa, de mais a mais, sob égide uma Academia, como no caso do asturiano, que é a grande responsável atualmente pelo seu estudo, proteção e difusão.

Parece que os entusiastas da língua optaram no começo por este expediente que da sociolingüística tem merecido a melhor das atenções: a tradução de textos estrangeiros para uma língua que se acha ameaçada de extinção e que não pode ainda caminhar com os próprios pés. Em picardo e em valão tem acontecido o mesmo fenômeno das traduções. Quando não se pode, por qualquer motivo, criar uma literatura original, que se busque o auxílio de boas traduções de obras das melhores literaturas do mundo e, pela *mimesis*, chegar-se-á à pretendida originalidade. Toda língua é passível de tradução, dependendo de quem a trata. Essa gente moça do Principado, gente cheia de ânimo e que sabe aproveitar o ressurgimento de uma grande Espanha, não mais a velha Espanha Imperial, mas um Estado profundamente identificado com a pós-modernidade, e são poetas e prosadores, alguns até excessivamente vanguardistas e irreverentes, sabem e admitem a importância do exercício de traduzir como forma de provocar a *mimesis* e

¹⁶ Para o leitor curioso, indico o estudo de David Fintze Altabé (1978). Dará uma visão de conjunto, dentro da metodologia científica, de um assunto de sumo interesse, não apenas para os judeus sefarditas, mas para os historiadores da Literatura e os romanistas.

¹⁷ Na verdade, na língua grega a expressão diglósico (*diglossos*, de διγλωσσοσ) é aquele que fala duas línguas e que pode ser intérprete em conversação com alguém que não compreenda uma delas, não podendo portanto desincumbir-se sozinho. Em Sociolingüística, porém, tomou uma acepção bem mais complexa, a ponto de poder vir a referir-se a uma forma culta e elevada de uma mesma língua. O grego comum, educado, que fala em casa o grego popular, δημοτικός, e nas ocasiões formais ou solenes, fala καθαρεύουσα, ou a forma pura, já é considerado como diglósico e a sua situação de *diglossia*.

partiram para traduções, algumas excelentes, outras medíocres, que assim é em tudo na vida, e concomitantemente lançaram-se ao delicioso mas inquietante trabalho de criação original, do conto ao romance, do poema ao teatro e, até mesmo —pasmem!—, para os altos e nem sempre fáceis estudos críticos literários e filosóficos. Encontrei boas traduções do português, do galego, do catalão, do espanhol, do francês, do inglês, do russo e do grego clássico, o que, temos de convir, se constitui em uma gama de ampla escolha e das mais variadas, que surpreende a quem se dispõe a perambular pelos caminhos da Literatura Asturiana. Algumas dessas traduções chegaram ao requinte de serem publicadas em edições bilíngües. Com o texto original ao lado, o leitor atento poderá ver qual o grau de desenvolvimento a que a língua de chegada atingiu e poderá acompanhar não somente o trabalho do tradutor, mas também o estágio a que chega a língua usada. Os judeus quase sempre procederam desta maneira com os textos em *lashon haqodesh*, ou língua santa, לשון הקודש, e a língua do país onde vivia a comunidade. Vi muitos livros de orações em hebreu e ucraniano, em hebreu e português, em hebreu e alemão, inglês, russo, judeu-espanhol, espanhol, romeno, húngaro e muitas outras línguas, com o que o praticante, ao ler na sinagoga o texto hebraico. E o leitor, se do hebraico não possuía bons conhecimentos, podia acompanhar pela tradução e saber o que lia. Possuí muitos desses textos bilíngües, e até uma *hagadá*¹⁸ em hebraico e tradução em judeu-espanhol com os caracteres de rashi¹⁹, com que os rabinos costumavam fazer as suas notas e glosas. As traduções asturianas tinham, pois, um honroso precedente. Afora as publicações em livros, *Lliteratura. Revista Lliteraria asturiana*²⁰, excelente no gênero, tem dado cobertura às traduções, que aparecem em uma parte especial e estas sempre acompanhadas dos textos originais, quase sempre poemas, como aconteceu com um dos seus números mais recentes²¹, que traz boas traduções de Hugo von Hofmannsthal, devidas a Xabiero²²

¹⁸ Livro usado na Páscoa, narra a origem e história da celebração desta festa religiosa, uma das mais importantes do Judaísmo. Em hebraico: הגדה של פסח

¹⁹ Os caracteres citados foram criados pelo Rabino Rashi, grande exegeta e sábio do Judaísmo medieval. Com eles são feitas as notas de rodapé ou as glosas ao *Talmude* ou à *Torá*. Redondinhos, apresentam, de início, alguma dificuldade de leitura.

²⁰ Trata-se de publicação oficial da Academia de la Llingua Asturiana, amparada pelo Governo do Principado. O mais inovador nesta revista é a sua excelente apresentação gráfica, a riqueza de belas ilustrações a preto e branco, ilustrações que se fazem presentes mesmo ante escritos de teoria literária, ou difíceis traduções. Quase todas fotografias de épocas passadas que contam uma fase da história asturiana, da vida da sua gente simples e boa. Confesso que poucas vezes tenho encontrado uma publicação tão bela, que leva o leitor ao *plaisir de lire* bathesiano ao seu ponto maior quanto a *Lliteratura. Revista Lliteraria Asturiana!* Bem hajam os seus idealizadores e organizadores.

²¹ V. revista citada, nº 24 (Primavera de 2007: 52 *usque* 77).

²² No texto das suas traduções o nome do tradutor aparece grafado de duas maneiras: no índice, Xabiero, e à pág. 52, Xaviero. Acredito que esta última é a correta, já que o asturiano preferiu uma ortografia mais próxima da etimologia do que da fonética, o que me parece mais acertado.

Cayarga e as do poeta galego Daniel Salgado, feitas por Iván Cuevas. Um exemplar anterior da revista trazia traduções de poetas italianos, como Eugenio Montale, Salvatore Quasimodo, Umberto Saba e Mario Luzi, traduzidos por Vicente García Oliva e introdução de Rosa Espada. O número da Primavera de 2005, enfim, trazia poemas de Rimbaud, na tradução de Marta Mori d'Arriba. Não se pode dizer que todas as traduções sejam boas, mas os tradutores, fiéis aos propósitos de enlargar e robustecer a sua literatura através do uso cada vez mais artístico da língua, antes considerada um dialeto de campônios de poucos estudos, de gente das mais afastadas e atrasadas localidades do Principado, quiseram provar, passando autores universais, nomes consagrados, para o asturiano, que era possível transformá-lo em uma língua plástica e adaptada a quaisquer gêneros, a quaisquer textos, mesmo provindos das mais prestigiadas línguas do mundo, como a francesa, a alemã, a italiana, a inglesa, a portuguesa, a espanhola, assim como de línguas regionais, como a galega e a catalã. Os intelectuais asturianos, mormente os que se agrupam em torno da Academia, graças ao bom conhecimento de línguas e aos estudos universitários de bom nível, realizam trabalho de tradução que orgulhe os cultores desse gênero ainda não o devidamente reconhecido, como deveria ser. Tive oportunidade de seguir, verso a verso, os poemas de Hofmannsthal, cujo alemão não é dos mais fáceis, pela riqueza de símbolos, um vocabulário bem cuidado e rico. Acompanhei especialmente os versos de «Kleine Erinnerungen», em que o tradutor, Xabiero Cayarga, se saiu galhardamente em versos de difícil transposição como

*Wie süßists, nur zu denken
An diese kleinen Dinge...*

que, não obstante o tom algo cômico que lhe deu o tradutor, mais o uso do diminutivo (eu o evitaria, os diminutivos tendem a enfraquecer o texto, mais ainda que o poema de Hofmannsthal é, com toda a suavidade de suas recordações, um texto de grande sobriedade e sem diminutivos!) que o original não contempla, ficou bastante expressivo

*¡Qué melguero ye pensar
namás nestes cosiquines...!*

Xabiero Cayarga²³, que parece possuir bons conhecimentos do alemão, saiu-se com louvor das traduções de um poeta nem sempre de fácil passagem para outra língua, especialmente para as românicas. Entre os vários poemas que passou com rara felicidade ao asturiano, acredito que o mais bem logrado de todos, pa-

²³ Xabiero Cayarga é bom prosador e ficcionista. O número 16 de *Lliteratura* (Primavera de 1999), traz umas páginas de narrativa: «Un ciertu aire de familia» (p.17 a 19), por sinal boas. Vê-se que a sua participação na reestruturação e renovação do asturiano como língua literária, não é de hoje.

rece ter sido «Unendliche Zeit», como bastante fluência e sensibilidade, mantendo-se fiel ao texto alemão, denso e metafórico, sempre belo e com o seu quê de amargura, profundo e filosófico, e cheio de uma grande nostalgia das coisas passadas e perdidas para sempre, bem presentes na sua poesia, assim como na de Stefan George e na de Rainer Maria Rilke.

Não resisto à tentação de reproduzir o poema no original e com a tradução de Cayarga:

Unendliche Zeit

*Wirklich, bist du zu schwach, dich der seligen Zeit zu erinnern?
Über dem dunkelnden Tal zogen die Sterne herauf,
Wir aber standen im Schatten und bebten. Die riesige Ulme
Schüttelte sich wie im Traum, warf einen Schauer herab
Lärmender Tropfen ins Gras: es war keine Stunde vergangen
Seit jenem Regen ! Und mir schien es unendliche Zeit.
Denn dem Erlebenden dehnt sic das Leben: es tuen sich lautlos
Klüfte unendlichen Traums zwischen zwei Blicken ihm auf:
In mich hätt ich gesogen dein zwanzigjähriges Dasein
–War mir, indessen der Baum noch seine Tropfen behielt.*

Tiempu interminable

De verdá, fállate la memoria pa nun t'alcordar del tiempu que coló
atapeciendo sobre'l valle salíen les estrelles.

Nós, sin embargu, permanecíemos na sombra y aterecíemos.

La llamera descomanada

ximelgóse como nun suaño, dexando caer una tambascada

de ruidoses gotes en prau: ¡Nun pasara una hora

dende la lluvia! Y a min abultóme un tiempu interminable.

Pues la vida provez-y al que la vive: callandino se-y abren

divintíos de suaño interminable enre dos miraes:

En min recaldara yo'l to ser de venti años

–yera de mio, mentanto l'árbol caltuviere les sos gotes.

A tradução dos poemas galegos, talvez pela proximidade das línguas, a de partida e a de chegada, não deixa ver mais de perto o labor do tradutor asturiano, mas mostra que foi feita *ad litteram*, sem contudo perder o fio condutor do original, o que algumas vezes acontece neste tipo de tradução. Cada língua tem a sua idiossincrasia, ou como diriam os sábios rabinos da Idade Média, as línguas possuem a sua alma, *nefesh*²⁴, que precisa ser respeitada sob pena de se destruir

²⁴ Os judeus, não são apenas o Povo do Livro, mas dos livros, como nenhum outro na face da terra. Os seus grandes sábios, centenas de anos antes de se falar de Psicolingüística, já lembravam que as línguas

em uma língua o que está feito em outra. Um outro aspecto que chama a atenção é a extrema mocidade do poeta traduzido por Iván Cuevas. Forte poema telúrico, como é muito comum entre os galegos, especialmente aqueles que provêm das pequenas localidades e dos campos, «Êxodo» encontrou boa vestimenta em asturiano pelas mãos competentes de Cuevas. Dou apenas alguns versos iniciais, que me parecem muito expressivos no original galego e na versão asturiana:

*Hai quen viaxa para bicar as terras e hai
Quen se deita na palabra de poetas buscándote.
Nunca,
nunca te mirei fendendo agosto coma um colexio baleiro
ou coma uns ollos
tan esvaídos
e cando te volvas río e pan anúncio
para que compoñan a música
que te leve da nación cuberta de cidades.*

Que assim ficou em asturiano:

*Hai quien viaxa pa besar les tierras y hai
quien s'achuca na palabra de poetes buscándote.
Nunca,
nunca miré pa ti fendiendo agostu como una escuela valera
o como unos güeyos
tan esvanecíos
y cuando te vuelvas ríu y pan anúncialo
pa que compongan la música
que te lleve de la nación cubierta de ciudaes.*

Nada de muito especial, apenas uma mostra para que se veja o alcance da língua asturiana enquanto veículo de cultura elevada, que se faz rica e plástica, adapta-se de igual maneira a um poeta de vãos universais, reconhecidamente grande e célebre, e a um moço poeta, muito verde, que não teve tempo ainda de meditar mais profundamente sobre a palavra e sua enfermidade, como dizia o filósofo Jacques Ellul, e uma delas é a preocupação com os por vezes arriscados experimentos herméticos. Em ambos os casos os tradutores houveram-se muito bem e mostraram a plasticidade desta língua que vem sendo, aos poucos, literariamente bem tratada, experimentada e enriquecida, para chegar, segundo os ensinamentos de Steyn, citado antes, à maturidade lingüística e literária, desta sorte afastando os perigos

possuem vida, que as palavras possuem uma alma. Chamavam de sopro vital, *ruach* רוח, e espírito, *nefesh* נפש.

que rondam as pequenas línguas não oficiais: a extinção o maior deles! E por falar em hermetismo, Rimbaud é sempre prova de fogo para o tradutor e o poeta de *Les Illuminations* teve a sua vestidura em asturiano e, diga-se de passagem, magnífica vestidura que honra à sua tradutora, Marta Mori d'Arriba²⁵, cujo soneto famoso e arquicitado, copio abaixo no texto original, texto que tem causado o naufrágio de muito tradutor:

Voyelles

*A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu: voyelles,
Je dirai quelque jour vos naissances latentes:
A, noir corset velu des mouches éclatantes
Que bombinent autour des puanteurs cruelles,*

*Golfes d'ombre; E, candeur des vapeurs et des tentes,
Lances de glaciers fiers, rois blancs, frissons d'ombelles;
I, pourpres, sang craché, rire de lèvres belles
Dnas la colère ou les ivresses penitentes;*

*U, cycles, vibrations divines des mers virides,
Paix des pâtis semés d'animaux, paix des rides
Que l'alchimie imprime aux grands fronts sudieux;*

*O, suprême Clairon plein des strideurs étranges,
Silences traversés des Mondes et des Anges:
o l'Oméga, rayon Violet de Ses Yeux !*

E na tradução asturiana, em que Mori d'Arriba foi muito afortunada, pois conseguiu ser espontânea mesmo mantendo fortíssima fidelidade ao texto original, para o que convido o leitor a tirar as suas próprias conclusões, apresentando abaixo as *Vogais* na elegante e forte vestimenta asturiana que lhe deu a tradutora:

Vocales

*A prieta, E blanca, I encarnada, U Verde, O azul: vocales,
un día diré'l vuestro aniciu llatente.
A, corsé prietu y peludu de mosques rellumantes
que xiren «bombeeando» sobre fedores cruels,
Golfos de solombra; E, candores de vapores y de tiendes,
llances d'altivos glaciares, reis blancos, respigos d'umbeles;
I de púrpura y de sangre cuspiao, risa de llabios formosos
nun momentu de cólera o borrachera penitente;*

²⁵ Cfr. *Llitteratura* 22 (2005): 43 usque 54.

u, ciclos, divines vibraciones de mares verdiales,
paz de los pastos semaos d'animales, paz de les engurries
que l'Alquimia impronta nes grandes frentes estudioses;

o, supremu clarín enllenu d'«estridores» estraños,
silencios caltrios por Mundos y por Ánxeles:
¡o la Omega, el rayu violeta de sos güeyos!

A tradutora não se sentiu à vontade com o v. «bombiner», de criação e uso rimboldiano, pelo v. regular da língua «bombarder». Ora, em espanhol há «bombardear» no sentido também de «bombear» e amparado pelo *Diccionario de la Real Academia*, que foi o que pretendeu o poeta, no sentido de «echar», ou lançar. Não haveria necessidade de deixar o neologismo entre aspas. Possivelmente ainda não existirá na língua asturiana, até que exista um poeta bastante atrevido e de grande sensibilidade que com ele a mimoseie. Temos de convir que o «bombinando» entre aspas não ficou à altura do estranho mas forte «bombinent autour des puanteurs cruelles», como não percebi o por quê de «estridores» entre aspas. Trata-se de um elegante latinismo que pode muito bem ser acolhido pela língua asturiana, uma língua aberta aos bons neologismos pela sua riqueza plástica. O latinismo «estridor», por sinal de boa amplitude semântica e muito elegante, amplamente registrado, existe no espanhol com o significado de «sonido agudo, desapacible y chirriante», que José Alemany y Bolufer, que foi da Real Academia Española, registrou no seu prestimoso e sempre atual *Nuevo Diccionario de la Lengua Española* (1942). Foi o que pretendeu o poeta. Por que não introduzi-lo em asturiano? É ousar, e aos bons tradutores, como Mori d'Arriba e outros aqui citados, cabe ousar, para o enriquecimento da língua. Depois, há uma Academia de la Llingua e a ela cabe, por sua vez, sustentar e co-honestar as boas criações, rebatendo e evitando as más. A Academia possui bons lingüistas e filólogos que, em uma próxima edição do seu dicionário, poderão atestar documentalmente as novas aportações, como estas que Mori d'Arriba, timidamente, ainda lança à apreciação dos especialistas e dos leitores apreciadores das belas produções na sua língua nativa, destarte trazendo novos verbetes aos dicionários e riqueza a uma língua que, se tudo corre favoravelmente e os seus entusiastas não perdem o entusiasmo inicial, terá um destino vitorioso pela frente. Inovar, mas sem os exageros de certos vanguardeiros que terminam por tornar ridículo o que poderia ser um marco inicial. Não era em vão que os romanos e sua sabedoria de notável sentido prático, diziam que a virtude se situa no meio das coisas, o seu *in medio virtus*... Que atentem par isto os vanguardeiros!

O número de obras de ficção é também considerável, além da tradução de obras ficcionais. Entre estas cito os *Cuentos Fantásticos. Antoloxía* (1992) do es-

critor português José Viale Moutinho, feita por dois bons prosadores asturianos, Adolfo Camilo Díaz e Xandru Fernández. Adolfo Camilo Díaz, que conhece bem a língua portuguesa, admite que é tarefa das mais complicadas, confessa-o no inteligente prefácio e escreve (p. 16 e 17), com sinceridade: «Traducir ye traicionar. Traducir a Viale ye asesinar. Los esparabanos llingüísticos, los xuegos de pallabres, los dialeutalismos, blinquen pela so prosa y ye bien abegoso dicir lo qu'él diz coles pallabres d'otru mundu». O tradutor conhece escritores portugueses, sobre os quais tece comentários, mas escreve algo que é realmente importante para a fixação dessa *koiné* asturiana: a boa tradução, é necessária e enriquecedora. Foi o que ele fez, lamentando que pouco houvesse das letras portuguesas em asturiano, com exceção de uns poucos poetas e quase nada de prosa. E o fez muito bem o disse. O tradutor é autor de um romance premiado, *Pequeña lloba enllena d'amor*, em que tece uma estória fantástica de grande suspense, dramaticidade e simbolismo, rica de diálogos. Aliás, trata-se de uma narrativa eminentemente dialógica em que Adolfo Camilo Díaz demonstra as suas qualidades de narrador e de mestre da prosa asturiana. Camilo Díaz tinha apenas 24 anos quando publicou o seu pequeno romance que está a merecer a atenção não apenas dos bons leitores, mas da crítica imparcial, e uma tradução. Salientaria nesta sua obra original a riqueza lexical, que encanta o estudioso estrangeiro da língua, como a mim me encantou. Depois, Díaz possui, repito, bons conhecimentos da língua portuguesa, conhecimento demonstrado de modo cabal quando verteu os contos do madeirense José Viale Moutinho, cujos regionalismos frequentes — que ele transporta da Madeira para a nossa língua comum —, tornam a sua linguagem difícil até mesmo para um falante do português. E o tradutor saiu-se muito bem, tecendo, ainda, comentários inteligentes sobre esta difícil arte que é da tradução. Engana-se quem pensa que traduzir é fácil.

Mas uma das obras narrativas mais bem escritas e de mais elegante asturiano, é a de Xuan Xosé Sánchez Vicente, *Cuentos de llingua afilada*, que sagrou o autor como um dos melhores ficcionistas da Literatura Asturiana, em que patenteia o seu estilo vivace e arrojado, além de saber usar com mestria a ironia e a sátira, tudo isso temperado com a irreverência daqueles pioneiros do *Surdimientu Asturianu*, de que Sánchez Vicente é um dos de maior relevância. Desconheço se tem publicado outros contos e romances depois daqueles *cuentos* iniciais.

Uma das mais conhecidas traduções da primeira fase das traduções a que intelectuais e professores, muitos deles membros da Academia de la Llingua Asturiana, se lançaram na tentativa de consolidar o ressurgimento da Literatura Asturiana, ainda na década de 80, foi a que Xosé Lluis García Arias realizou, com pleno sucesso, de *Le Petit Prince*, sobre a qual já comentei em outro estudo.

Tive oportunidade de confrontá-la com outras traduções²⁶ e o original francês. García Arias não só manteve muita fidelidade ao texto de Saint-Exupéry no seu *El Principín*, mas empregou um asturiano elegante e rico. O tradutor é um linguísta conhecido nos meios intelectuais do Principado, autor de vasta obra, foi um dos idealizadores da Academia de la Llingua Asturiana e seu primeiro presidente por vários anos. Acrescento como uma das boas traduções de autor clássico a que Xosé Gago fez de Safo, nos *Poemes y Fragmentos*, em que conseguiu traduzir o difícil grego sáfico com muita beleza e sem deixar de ser fiel ao texto original, como também a que Federico G.-Fierro Botas, fez em 1991 das poesias do maior dos poetas românticos russo, o Príncipe Pushkin, traduções que, pelo apuro em que estão vazadas, engrandeceriam quaisquer literaturas.

CONCLUSÃO

Quão longe está o tempo em que um natural de León, C. A. Bardón, ao publicar uns *Cuentos en Dialecto Leonés*, com material deixado por um tio que ajudara o sábio D. Ramón Menéndez Pidal a escrever um até hoje insuperável estudo sobre o leonês, escrevia desalentado: «Por eso la aparición de este libro fue puramente casual, sólo así podía ser. ¿Quién, sino, se atrevería a poner en letras de molde un lenguaje arcaico, ni siquiera hablarlo, sin ser tildado de persona inculta?» (p. 3-4). O leonês, hoje também em plena efervescência em León, entusiasticamente cultivado por um grupo que se arregaça em torno de *El Fueyu* e outras publicações e associações, era dado como morto²⁷. Muito próximo ao asturiano e ao mirandês, usar o leonês deixou de ser vergonhoso e fala de ignorantes, «fala charra», como diziam os mirandeses. O leonês ressuscita, e o seu irmão gêmeo, o asturiano, enriquece-se a cada dia e faz-se o instrumento de uma jovem literatura que um dia talvez bem perto de nós tenha um encontro marcado com as grandes literaturas regionais européias. Faço votos também pelo ressurgimento do leonês, o que seria importante para a Romanística nesta época de reavivamento dos seus estudos e ampliação taxonômica da família neolatina, como se vem fazendo hoje na Romênia com as línguas afins do romeno (o macedo romeno, o istro-romeno e o megleno-romeno), dando-se-lhes categoria de línguas autônomas e independentes dentro da România Lingüística, mesmo que muito próximas do romeno estándar, ou daco-romeno, quando em anos não muito distantes de nós, eram consideradas como simples variantes do romeno ou, quando muito, como dialetos. E saliento que, já entrada a década de 80, ainda assim procedia um conhecido e

²⁶ Cfr. a galega: *O Principiño*. Trad. de Carlos Casares. Vigo, Galáxia, 1976. 3ª ed.; a castelhana: *El Principito*. Trad. y prólogo de Miguel Balaguer y Valentina Rebasa. Buenos Aires, Need, 1998.

²⁷ Escreveu o autor: «La fabla lionesa, murriéuse en poucus años, cun las bragas y l'engüarina, las garnachas y lus ruedus» (Bardón 1987: 8).

ilustre filólogo e historiador da língua romena, Alexandru Niculescu, no seu *Outline History of the Romanian Language*. Mas surge aqui uma questão dentro das vaidades profundamente humanas dos sociolingüistas: os chamados revivalistas do leonês, teimam em não aceitar a autonomia lingüística do mirandês, como posso ler nas páginas que *El Fueyu* dedicou ao assunto: para eles a língua co-oficial do português em Portugal, com todo o seu atual desenvolvimento literário não passa de uma variante leonesa, lado a lado com o pachuezu, o que á verdadeiramente um absurdo, levando-se em conta os avanços da Sociolingüística atual...

Que o exemplo sirva para o asturiano vis-à-vis o leonês: duas línguas muito próximas e facilmente inteligíveis entre si, como o *riksmål* e *landsmål*, ou como o português e o galego, o *lallans* e o inglês, o tcheco e o eslovaco, mas de qualquer maneira, duas línguas. Com uma pequena diferença: que o asturiano, como boa *Ausbausprache*, está em excelente fase de desenvolvimento que auguro venha a ser ainda maior nos próximos anos, para grandeza do Principado de Astúrias e do Reino multilingual e pluricultural que é a Espanha.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Dámaso (1972): *Obras Completas*. I. *Estudios lingüísticos peninsulares*. Madrid, Gredos.
- BARDÓN, C. A. (1987): *Cuentos en Dialecto Leonés*. León, Lancia.
- COUTINHO, Ismael de Lima (1968). *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro, Acadêmica. [6ª ed.].
- DÍAZ, Adolfo Camilo (1988): *Pequeña lloba enllena d' amor*. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana. [Col. Librería Académica 11].
- DÍAZ-PLAJA, Guillermo (1955): *Historia del Español. A través de la imagen y el ejemplo*. Buenos Aires, Ciordia & Rodríguez.
- ENTWISTLE, William J. (1973): *Las Lenguas de España: Castellano, Catalán, Vasco y Gallego-Portugués*. Trad. de Francisco Villar. Madrid, Ediciones Istmo.
- FINTZE ALTABÉ, David (1978): «The Romanso, 1900-1933: A Bibliographical Survey» in *The Sephardic Scholar*. Series 3, 1977-1978. Ed. with introduction by Rachel Dalven. Nova Iorque, The American Society of Sephardic Studies: 96 *usque* 106.
- GARCÍA MOUTON, Pilar (1996): *Lenguas y Dialectos de España*. Madrid, Arco Libros. [2ª ed.].
- HOCKETT, Charles F. (1970): *A Course in Modern Linguistics*. Nova Iorque, Macmillan.
- MARSÁ, Francisco (1959): *Gramática y Redacción*. Barcelona, De Gassó.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1962): *El Dialecto Leonés*. Prólogo y notas de Carmen Bobes. Oviedo, Instituto de Estudios Asturianos, 1962.
- MONTEAGUDO, Henrique (org.) (1995): *Estudios de Sociolingüística Galega. Sobre a Norma do Galego Culto*. Vigo, Galaxia.
- MOUTINHO, José Viale (1992): *Cuentos Fantásticos. Antoloxía*. Torna de Adolfo Camilo Díaz y Xandru Fernández. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana. [Col. Librería Académica].
- NICULESCU, Alexandru (1981): *Outline History of the Romanian Language*. Trad. de Andrei Bantaş. Bucaresta, Editura Ştiinţifică şi Enciclopedică.

- Nuevo Diccionario de la Lengua Española*. [Publicado bajo la dirección de] José Alemany y Bolufer. Barcelona, Editorial Ramón Sopena, 1942.
- POTTER, Simeon (1960): *Language in the Modern World*. Harmondsworth (Middlesex), Penguin.
- PÚXKIN, Alexandru S. (1991): *Poesíes Llíriques*. Versión bilingüe y traducción desde los orixinales rusos, escoyeta, entamu y notes por Federico G.-Fierro Botas. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana. [Llibrería Académica 18].
- QUENTAL, Antero de (1943): *Obras de Antero de Quental*. «Zara». Lisboa, Couto Martins.
- RISCO, S.I., Alberto (1942): *Historia de la Literatura Española y Universal*. Madrid, Razón y Fe. [11ª ed.].
- ROBINS, R. H. (1977): *Linguística Geral*. Trad. de Elizabeth Corbetta A. da Cunha. Porto Alegre, Globo.
- ROMERO LÓPEZ, Dolores (ed.) (2006): *Naciones Literarias*. Madrid, Anthropos.
- SABBÁ GUIMARÃES, Newton (1995): «Traduzir: Por quê e para quê?», in *Lletres Asturianas* 57: 73-77.
- (1999): «Uma nascente literatura românica: a asturiana», in *Lletres Asturianas* 72: 103-109.
- SAFO (1985): *Poemes y Fragmentos*. Versión asturiana del orixinal griegu, entamu y notes de Xosé Gago. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana. [Col. Llibrería Académica 4].
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de (2002): *El Principín*. Vertú por Xosé Lluis García Arias cola colaboración de Marta Suárez. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana. [4ª ed.].
- SÁNCHEZ VICENTE, Xuan Xosé (1983): *Cuentos de llingua afilada*. Antoxana de Juan Cueto. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana. [Col. Llibrería Académica 1].
- SAPIR, Edward (1971): *A Linguagem. Introdução ao Estudo da Fala*. Trad. de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro, Acadêmica. [2ª. ed. Com o apêndice «Um Século de Estudos Lingüísticos nos Estados Unidos», de autoria do tradutor].
- STÉPANOV, G. (1981): «La Linguistique Externe dans ses Relations avec les Structures Interne», in *Linguistique Générale. Système et structure du langage*. (Org. coletiva da Academia das Ciências). Moscou, Editions du Progrès: 67 usque 86.
- STEYN, J. C. (1980): *Tuiste in Eie Taal. Die behoud en bestaan van Afrikaans*. Cidade do Cabo, Tafelberg-Uitgewers B.P.K.

Além das obras citadas em as notas e nesta lista bibliográfica sumária, foram consultadas obras de simples referência como dicionários da língua espanhola, além do de D. José Alemany y Bolufer, o da Real Academia Espanhola, o *Nouveau Petit Larousse Illustré* publicado sob a direção do filólogo Claude Auge, e ainda várias revistas, de publicação oficial da Academia de la Llingua Asturiana, entre elas *Lliteratura. Revista Lliteraria Asturiana* em vários números de vários anos. Deixo aqui agradecimentos ao ex-presidente da Academia, o Prof. Dr. Xosé Lluis García Arias, da Universidade de Oviedo.